

O HOMEM NO TEETO

escrito
e ilustrado por

Jules Feiffer



SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 1993 by Jules Feiffer

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Tradução:
Carlos Sussekkind

Título original:
The man in the ceiling

Letras:
Kerry Malone

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Eliana Antonioli
Carmen S. da Costa

Atualização ortográfica:
2 estúdio gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feiffer, Jules

O homem no teto / Jules Feiffer ; tradução Carlos
Sussekkind. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

Título original: *The man in the ceiling*.
ISBN 978-85-7164-461-8

1. Romance norte-americano i. Título.

95-1550

CCD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura norte-americana
813.5
2. Século 20 : Romances : Literatura norte-americana
813.5

14^a reimpressão

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Jimmy vai acampar com o pai. Não na vida real; esta é uma história em quadrinhos. O pai de Jimmy usa um chapéu de abas largas e copa achatada e uma jaqueta de safári com bolsos para colocar tudo: um mapa, uma bússola, uma lanterna, anzóis. Do jeito como Jimmy o desenha, ele se parece com Indiana Jones.

O pai de Jimmy é um grande conhecedor das florestas. Não na vida real, mas na história em quadrinhos. Ele vai guiando Jimmy pela mata adentro com leves toques no ombro. Quando ele toca no ombro esquerdo, Jimmy segue para a esquerda; quando toca no ombro direito, Jimmy segue para a direita. Os toques do pai tranquilizam Jimmy. É uma floresta que tem ursos. E também cobras. “Vai indo bem, filhão”, diz o pai, que não é de falar muito.



Ora Jimmy imaginava seu pai carregando uma canoa no ombro, ora preferia outra ideia. O problema com a canoa era que se eles estivessem abrindo caminho floresta adentro, uma floresta tão densa como aquela, a canoa iria esbarrar nas árvores, fazer seu pai perder o equilíbrio e quem sabe até cair num pântano com jacarés se mexendo por ali o tempo todo. Pensando bem, não era má ideia. Ou esta outra possibilidade: e se a canoa ficasse presa nos galhos duma árvore, pendurada bem acima do chão, e dali fosse impossível tirá-la? Jimmy achou essa ideia ainda melhor que a do jacaré. Não pôde deixar de rir enquanto desenhava a cena.

O pai de Jimmy chamava o garoto de “filhão” nas histórias inventadas por Jimmy. Jimmy até que não se incomodava muito de seu pai real não o chamar de “filhão” e não sair com ele para acampar nas florestas. Em primeiro lugar, porque não seria tão divertido como era nas histórias; seu pai sempre superocupado e estressado onde que ia achar condições para sair com ele e acampar nas florestas? A palavra que Jimmy mais ouvia dizer sobre seu pai era *estressado*. Cada vez que saía da boca de sua mãe, *estressado* tinha um ar importante e mesmo mis-

terioso, como algo que mais tarde Jimmy talvez devesse tornar-se quando crescesse.

O Pai sempre trazia uma pilha de papéis do escritório de engenharia aeronáutica onde se estressava, situado perto da residência da família em Upper Montclair. “Não toque nos meus papéis”, dizia o Pai a todo momento, embora nem Jimmy nem sua mãe nem suas irmãs jamais sonhassem sequer se aproximar desses papéis. Bastava olhar para eles e qualquer um percebia logo que esses papéis não eram para ser tocados. Eles tinham *equações*. Seria o mesmo que o Pai virar-se para ele e dizer: “Não toque na minha bomba atômica”. De onde ele teria tirado que pudesse haver ali uma tentação para Jimmy?

Às vezes Jimmy ficava desenhando no chão bem atrás da escrivaninha de metal onde o Pai trabalhava em seus papéis. Isso lhe dava uma sensação de serem colegas de certa maneira, dois homens — os únicos na família — absorvidos na tarefa de fazer misteriosos sinais sobre folhas de papel. Digo “misteriosos” porque o Pai não entendia os desenhos de Jimmy mais do que Jimmy entendia as equações do Pai. Jimmy não conseguia ficar natural desenhando com o Pai ali tão perto. Sua impressão era que na verdade o Pai, em vez de trabalhar nas equações, estava era observando-o com o canto do olho. De modo que cada linha desenhada por Jimmy era uma linha destinada ao Pai. Não que o Pai soubesse ler nos rabiscos. A Mãe às vezes sabia, mas tem que ver que ela era também uma artista, de forma que não se podia esperar outra coisa. A irmã mais velha, Lisi, sabia, mas, grande coisa, ela era a maior fã de Jimmy! O Pai nunca soube.



O esforço que custava fazer um desenho de Indiana Jones levava Jimmy a soltar de repente uns resmungos. Os resmungos eram para ser ouvidos pelo Pai. Jimmy esperava que numa dessas vezes o Pai erguesse os olhos e dissesse: “Não é tão fácil como parece, não é mesmo, filhão?”. Mas o Pai não estava nem aí para os resmungos de Jimmy. Inteiramente absorvido em refletir sobre suas equações. Às vezes Jimmy inventava de dizer umas coisas para chamar a atenção dele. Como naquela ocasião em que perguntou: “Se a gente gosta, mas gosta mesmo, ama o trabalho que faz, não seria justo que nos pagassem menos?”.

Ele remoía esses pensamentos porque, ao mesmo tempo que queria desenhar histórias em quadrinhos (que

ele amava) quando crescesse, de qualquer modo, teria que ganhar dinheiro para sustentar uma família. Assim sendo, a pergunta não era frívola. Jimmy prosseguiu: “Se um trabalho é divertido, talvez a gente não devesse receber por ele — ou então, receber, sim, tudo bem, mas tíquete-alimentação, vale-transporte e mais o que desse para ir ao cinema. Quero dizer: não seria o caso de ser mais bem pago por um trabalho que a gente detesta?”.

A mão do Pai que segurava a caneta parou de rabiscar números. Seus olhos desfocaram e o rosto assumiu uma aparência estranha, sofrida. Era como se ele estivesse tentando traduzir as palavras de Jimmy em sua própria língua nativa. Mas isso não fazia sentido, porque o Pai havia nascido em Columbus, Ohio.

“Não incomode seu pai, ele está ocupado”, disse a mãe de Jimmy, que parecia nunca estar presente a não ser para impedir Jimmy de incomodar o pai. Outras vezes ela dizia: “Não incomode seu pai, ele está descansando”, o que simplesmente não era verdade. Jimmy nunca viu seu pai descansar. Mesmo quando dormia, a impressão que dava era de que aquilo também era um trabalho.

O que então aconteceu foi que, entre um pai ocupado e um pai em repouso (supostamente), Jimmy optou por criar um pai que ele pudesse incomodar. E esse pai — o seu pai que era Indiana Jones — era tão ideal que Jimmy não desejava ter um pai de verdade que fosse como aquele. Iria confundir as coisas. Não se importava de partilhar o pai real com as duas irmãs, Lisi e Susu, mas o seu pai que era Indiana Jones...? De jeito nenhum!

2

Lisi, a irmã mais velha de Jimmy, tinha com o Pai um tipo de aproximação que faltava a Jimmy, porque Lisi assistia ao beisebol em companhia dele. Jimmy não gostava de beisebol e era essa a razão pela qual não havia aproximação entre os dois nem haveria nunca. Pois que outra coisa pode um pai fazer com o filho a não ser conversar sobre beisebol, jogar ou ver uma partida de beisebol? E conversar com Jimmy sobre beisebol era o tipo da perda de tempo. Se o Pai quisesse conversar com Jimmy sobre super-heróis, isso até que levaria a uma camaradagem autêntica; mas Jimmy não sabia coisa alguma de beisebol. Além disso, não tinha qualquer talento para esse jogo.

Assim sendo, o Pai não tinha quem pegasse uma bola jogada por ele para o alto, ou a quem atirar uma bola ou a quem dar conselhos sobre como jogar esse jogo. E, como não podia aconselhar Jimmy, aconselhava os jogadores na tela da TV e partilhava esses conselhos com Lisi. “Numa situação como essa — com dois homens no diamante e nenhum fora de jogo — o que se tem a fazer é avançar os *base runners* para a segunda e terceira bases, o rebatedor então não rebate mas apenas obstrui o curso da bola, o



que seguramente faz com que ele seja retirado mas põe os dois *base runners* em posição de marcar, sendo que eles contam com os dois que ainda não foram eliminados para levá-los ao *home* — é verdade que neste caso, com Dombrowski, um rebatedor de categoria em posição de bater, e Mertz, o lançador, vindo em seguida (Mertz como rebatedor é uma nulidade total), é absolutamente certo que Dombrowski não vai limitar-se a obstruir o curso da bola. Ele pode até fingir uma obstrução para enganar o lançador, mas ouça o que teu velho está dizendo: ele vai rebater para longe, por isso o *infield* está com todos eles ali concentrados para o caso de pegarem a bola se houver obstrução, ao passo que o *outfield* está jogando lá no fundo, à espera de uma bola de longo curso.” Esse tipo de conversa, que Lisi parecia entender, nos ouvidos de Jimmy batia como se fossem equações.

Não me compreendam mal quando falo do Pai. Não é que ele não gostasse de Jimmy, simplesmente não tinha nenhuma pista para saber qual era a dele. Queria um filho

com quem pudesse discorrer sobre médias de rebates e percentagens de arremessos. Em vez do quê, tinha Jimmy. Fez o melhor que pôde, nas condições disponíveis. Quer dizer, ele não deixava de ser um pai, não deixava de pagar pela comida e pelas roupas de Jimmy, dar presentes de aniversário, presentes de Natal. Era um bom pai, visto por este ângulo. E sempre achava para dizer a Jimmy coisas educativas do tipo: “Por que você tem que deixar seus desenhos todos espalhados aí pelo chão?” ou: “Dá para abaixar essa televisão para que ela fique apenas berrando?”. Às vezes chegava a ser um disciplinador ofensivo, até.

Mas Jimmy não achava que o Pai estivesse a fim de ofendê-lo de caso pensado. Simplesmente ele não sabia de que outra maneira tratar um filho que ficava desenhando. Os desenhos que seu pai se queixava de ver todos espalhados pelo chão eram deixados assim por Jimmy de propósito. Jimmy esperava que o Pai topasse de repente com eles como se estivessem ali por acaso, pegasse a primeira página e emendasse a leitura das dez ou quinze páginas seguintes, pasmo, estupefato. “Não posso acreditar que um garoto de dez anos e meio tenha sido capaz de desenhar *isto!*” eram as palavras que Jimmy imaginava o Pai dizendo. Palavras que, entretanto, ele nunca disse.

O seu pai que era Indiana Jones teria dito essas palavras. O seu pai que era Indiana Jones estava sempre a encorajá-lo.



E Jimmy, que não se chamava Jimmy na história por ele inventada, mas Bob, pulou no vazio...



E o seu pai que era Indiana Jones aparou-o na queda.

“Ele me lembra um pouco seu irmão, Lester”, o Pai disse para a Mãe mais de uma vez, referindo-se a Jimmy. Não era nenhum elogio. O Pai não era um fã do irmão da Mãe, Lester. Mais adiante eu vou falar nisso. Por ora, o importante é vocês ficarem sabendo a resposta da Mãe, porque por aí dá para vocês terem um pouco a ideia de

como era a Mãe. Ela respondeu: “Ã-hã. Bem, preciso acabar, que está ficando tarde”.

Fosse o que fosse que ela precisava acabar, e há sempre um milhão de coisas que as mães precisam acabar (e a mãe de Jimmy tinha um trabalho profissional, de modo que podia alegar um milhão de coisas mais uma que precisava acabar), o fato é que precisava acabar essas coisas sempre que o Pai introduzia o assunto Jimmy na conversa. A Mãe não queria falar com o Pai sobre Jimmy. Jimmy era *dela*. Lisi era *dele*. O Pai e Lisi assistiam juntos às partidas de beisebol, brincavam com o jogo de Palavras Cruzadas juntos, riam juntos de piadas que a Mãe não conseguia entender. Mas Jimmy era dela, e se ela tampouco entendia Jimmy, sua maneira de não o entender era mais carregada de simpatia do que a do Pai. Em geral a Mãe tirava no riso, tratando-as como sem importância, as coisas que não entendia. Tirava no riso, tratando como sem importância, muito do que tinha a ver com Jimmy, mas era um riso a favor dele.